

# A escatologia cristã e o platonismo. O contributo de J. Ratzinger para a desconstrução de um postulado

JOSÉ JACINTO FERREIRA DE FARIAS

Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa

Estas considerações não pretendem ser a apresentação de um confronto crítico de posições teológicas sobre os temas da escatologia, mas apenas, quase em forma de simples apontamento, registar a congruência do pensamento de J. Ratzinger num dos seus mais significativos ensaios teológicos<sup>1</sup>, na análise e na desconstrução de um pressuposto assumido quase como evidência, a partir de Lutero e da Reforma protestante, segundo o qual a escatologia cristã seria devedora da concepção antropológica grega, contrapondo assim, em grande tensão, o tema da *imortalidade da alma*, que seria exclusivamente grego, ao tema da *ressurreição dos corpos*, que seria cristão, de cuja tensão resultariam concepções antropológicas de grandes consequências. A questão agudizou-se no confronto, no interior da teologia protestante, entre a teologia liberal, segundo a qual, a essência do cristianismo consiste na proclamação da paternidade divina e no valor infinito da alma humana e da sua imortalidade, e a teologia dialéctica, de K. Barth,

<sup>1</sup> Cf. J. RATZINGER, *Escatologia. Morte e vida eterna* (Assisi: Cittadella 1979<sup>2</sup>). O original alemão foi publicado em 1977.

concretamente, o qual, em contraponto, afirma a morte total do homem, restando apenas a esperança na palavra da promessa a respeito da escatologia final<sup>2</sup>. A visão cristã da escatologia, na tradição católica, sobretudo a *escatologia intermédia*, seria uma síntese pobre e frágil de duas posições antagónicas.

O contributo de J. Ratzinger foi então especialmente relevante para dois pontos estruturantes da teologia: o ponto de vista do *método* e o ponto de vista *sistemático*. O objectivo destas breves considerações quase marginais e fragmentárias é relevar este contributo do actual Papa Bento XVI quando ainda era professor de teologia, que toca no núcleo essencial da questão e que provocou então um aceso debate teológico<sup>3</sup> e que obriga hoje de novo à revisão séria de muitos projectos contemporâneos de escatologia que, apesar da sua aparente consistência formal e estrutural, se baseiam num pressuposto que não resiste à crítica, sendo, por conseguinte, castelos construídos sobre a areia movediça e inconsistente de uma fraca filosofia!... Ao contrário do que então declarava J. L. Ruiz de la Peña no final da sua obra<sup>4</sup>, não será a partir do consenso muito frágil entre os teólogos e as suas teorias que o querigma, a catequese e a pastoral hão-de articular-se, mas ao contrário, será a partir da comunhão na mesma fé da Igreja, que não se baseia em nenhuma antropologia, mas que está na sua base, que a teologia deverá articular-se, porque este será o serviço que ela é chamada a prestar na Igreja, ou não servirá para nada, reduzindo-se a uma pobre filosofia ou a uma gnose.

## 1. O que é a escatologia

Como referência ao *eschaton*, ao definitivo, ao derradeiro – mesmo no sentido das realidades últimas, que, por isso mesmo, nunca envelhecem, nem perdem actualidade – a *escatologia*, segundo J. Ratzinger, ocupa-se delas na medida em que elas iluminam e dão sentido ao presente:

<sup>2</sup> Cf. G. GRESHAKE, *Tod und Auferstehung*, in *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft* 5 (Freiburg-Basel-Wien: Herder 1981<sup>2</sup>) 113-114.

<sup>3</sup> Este debate foi provocado não só pelo *tratado* de J. Ratzinger, mas também pela Carta da Congregação para a Doutrina da Fé, sobre algumas questões de escatologia, de 17 de Maio de 1979 (cf. *EV* 6, 1034-1043). Os argumentos foram pormenorizadamente analisados pelo teólogo espanhol Juan L. Ruiz de la Peña, o qual, no final da sua exposição, conclui que “todas as cartas estão já sobre a mesa; o debate está praticamente esgotado. É difícil pensar em explicações novas que não sejam meras variações sobre algumas das já oferecidas” (J.L. RUIZ DE LA PEÑA, *La otra dimensión. Escatología Cristiana* (Santander: Sal Terrae 1986<sup>5</sup>) 358-359.

<sup>4</sup> Cf. J.L. RUIZ DE LA PEÑA, *La otra dimensión* 359.

“a escatologia cristã não é um refugiar-se no além perante os comuns deveres deste mundo e não significa limitar-se a uma salvação por assim dizer ‘privada’ da alma. O ponto de partida desta escatologia é, ao contrário, precisamente a pesquisa da justiça para *todos*, tal como é garantida por Aquele que imolou a própria vida pela justificação da humanidade inteira. Além disso, a escatologia é o encorajamento a praticar a justiça e a verdade; no facto de empenhar a nossa vida pela procura da justiça, da verdade, da justiça e do amor consiste a essência da escatologia cristã”<sup>5</sup>.

Ora essas realidades últimas, que representam também a razão da esperança cristã – no sentido do *para onde*, da finalidade da existência – são a *morte*, o *juízo*, o *inferno* e o *paraíso*, tal como se aprendia (e se aprende) no catecismo<sup>6</sup>.

Portanto, em J. Ratzinger a *escatologia* tem como objectivo imediato estas realidades últimas para encontrar um sentido para a peregrinação do homem na história.

## 2. Os temas da Escatologia

A iluminação do presente, à luz da esperança cristã, faz-se pela consideração destas realidades últimas, como temas *sérios* da existência - a morte, o juízo, o inferno e o paraíso -, mas que na sistemática habitual se divide em *escatologia pessoal*, ou seja, o que espera cada homem no termo da sua existência, e a *escatologia final*, ou seja, o que espera o cosmos no seu todo, na plenitude da história no seu termo. Ou ainda, por outras palavras, a *escatologia intermédia*, ou seja, o que se dá ou se espera para cada homem entre a sua morte e o fim da história, e a *escatologia final*, ou seja, a consumação terminal do universo e da história no fim dos tempos.

Estas duas grandes temáticas da escatologia em geral – que não apenas da escatologia cristã – levantam dois problemas (enigmas ou mistérios, conforme o ângulo ou perspectiva da nossa observação) de enorme im-

<sup>5</sup> Cf. J. RATZINGER, *Escatologia* 115.

<sup>6</sup> Na actual estrutura do *Catecismo da Igreja Católica*, estes temas estão incluídos no capítulo terceiro da Primeira Parte, dedicado ao terceiro artigo do credo – *Creio no Espírito Santo* – e faz parte do artigo 12 – *creio na Vida Eterna*, onde se trata sucessivamente os seguintes temas: o juízo particular, o céu, a purificação final ou o purgatório, o inferno, o juízo final e a esperança dos novos céus e da nova terra.

portância antropológica: o tema da *imortalidade* da alma e o tema da *ressurreição* do corpo. Isto sobretudo no que diz respeito à escatologia intermédia ou pessoal: o que se dá na morte? Quem é que morre? Qual o sentido antropológico da morte? Dar-se-á ou não a separação da alma e do corpo? Qual a relação ou o que é que distingue a imortalidade da alma e a ressurreição?

### 3. O projecto de J. Ratzinger

O propósito original de J. Ratzinger ao iniciar os seus trabalhos na área da escatologia – como ele mesmo diz, os dois tratados que mais o ocuparam na sua docência foram a escatologia e a eclesiologia – foi o de purificar a escatologia (e a antropologia) cristã da sua mistura com os elementos da filosofia grega ou, como ele mesmo diz, operar a *desplatonização* da escatologia:

“a matéria proporcionou-me uma singular experiência: tinha iniciado audazmente com aquelas teses que – então ainda pouco conhecidas – se impuseram hoje quase por toda a parte mesmo no âmbito católico, ou seja, tinha tentado construir uma escatologia *desplatonizada*”<sup>7</sup>.

De facto, graças a alguns trabalhos sobretudo de autores protestantes, impôs-se na teologia contemporânea (e muito especialmente no campo da escatologia e da antropologia) a convicção, que foi assumida quase sem crítica mesmo pela teologia católica, que temas como a imortalidade da alma, a dualidade antropológica do corpo e da alma, a escatologia intermédia (com os seus temas principais) eram o resultado da helenização da Escritura e da teologia, e por isso não eram temas bíblicos, mas gregos, e, portanto, estranhos ao cristianismo, dos quais o cristianismo e a teologia puros deviam necessariamente expurgar-se. Segundo esta tese, a Escritura na sua pureza original não conhecia temas como a *imortalidade da alma* ou a dualidade/dualismo antropológico, e por isso na morte dava-se o fim do homem, a sua morte plena. Progressivamente, porém, a dinâmica da fé no Deus vivo teria levado à descoberta/revelação da ressurreição. A Escritura

<sup>7</sup> J. RATZINGER, *Escatologia* 21.

testemunharia na sua pureza a ressurreição e como que ignoraria a imortalidade da alma<sup>8</sup>.

A consequência retirada pela teologia, com implicações depois na liturgia, foi que não fazia sentido falar-se nem na alma nem na imortalidade. Consequentemente não teria sentido falar-se também de *escatologia intermédia* – e por isso também a negação do purgatório.

Estas teses tornaram-se como que o património da teologia contemporânea, mesmo no campo católico, tendo-se tanto na linguagem como na própria liturgia abolido (ou quase) termos referentes à alma, e quanto ao purgatório e à prática de rezar pelos mortos introduziu-se no mundo católico um quase nobre e superior silêncio, deixando-se de dizer que *se reza ou se celebra a missa pelas almas do purgatório ou em sufrágio pelas almas*, passando-se a dizer, com frequência, que se celebra em homenagem de alguém que regressou imediata e directamente, pressupõe-se, à casa do Pai... Ainda recentemente recebi vários anúncios que eram também convites para participar, no meu caso, concelebrar em eucaristias celebradas em *homenagem* a alguém que tinha falecido!...

Mas o superior silêncio sobre estes temas da escatologia intermédia tem origem no silêncio da teologia ou de alguns projectos teológicos, como no caso de D. Wiederkehr, que desenvolve uma escatologia da esperança na qual nenhum destes temas clássicos da escatologia intermédia é sequer mencionado<sup>9</sup>.

Então, no início dos seus estudos, no campo da escatologia e da eclesiologia também J. Ratzinger assumiu estas teses como programa de trabalho e assim também ele se propôs *desplatonizar* a escatologia e restituir-lhe o seu rosto originário, rigorosamente bíblico e, portanto, rigorosamente cristão. E a que resultados chegou? Operou mesmo a *desplatonização* da escatologia?

<sup>8</sup> O exemplo mais significativo da assunção desta tese como princípio fundamental da escatologia é seguramente o autor espanhol J. L. Ruiz de la Peña. A sua obra sobre a escatologia foi publicada em 1977; mas reelaborou o tratado numa nova edição também para discutir as teses de J. Ratzinger, dez anos depois. Veja-se mais acima na nota 3.

<sup>9</sup> Cf. D. WIEDERKEHR, *Perspektiven der Eschatologie* (Zürich 1974). Mas o mesmo encobrimento dos temas clássicos da escatologia encontra-se noutros projectos. Cf. W. BREUNING, *Sviluppo sistematico degli enunciati escatologici*, in *Mysterium Salutis* 11 (Brescia: Queriniana 1978) 289-428; M. BORDONI-N. CIOLA, *Gesù nostra speranza. Saggio di Escatologia* = Corso di Teologia Sistemática 10 (Bologna: EDB 1988).

#### 4. A descoberta de J. Ratzinger

À medida, porém, que foi trabalhando os temas, analisando e investigando as fontes foi tomando consciência da inconsistência e do não fundamento destas teses, na medida em que a realidade se mostrava mais complexa e bem diferente do que as teses de um modo simplista e redutor tentavam dar a entender e a impor:

“mas quanto mais me ocupava das várias questões, quanto mais mergulhava nas fontes, tanto mais as antíteses construídas se me escapavam das mãos e tanto mais se me revelava a lógica interior da tradição eclesial. Por isso o presente trabalho, fruto de duas décadas, encontra-se agora colocado, mais de quanto não o foram as minhas primeiras tentativas de então, e em sentido inverso, em oposição à opinião dominante, não pelo gosto da contradição, mas por necessidade, embora o novo que aprofunda, purifica e clarifica determine, mesmo e precisamente agora, o conjunto da minha visão”<sup>10</sup>.

E um dos primeiros ensaios foi no campo da *cristologia*, na meditação do mistério do *Sábado Santo* e do artigo que se professa no Credo – o símbolo dos apóstolos – sobre a descida de Cristo aos Infernos, a descida ao *Sheol*: *foi crucificado, morto e sepultado, desceu aos infernos*.

Na sua obra *Introdução ao cristianismo*<sup>11</sup> as poucas páginas que dedica a este artigo do *símbolo dos Apóstolos* foram aquelas que mais me tocaram e ficaram gravadas na minha memória desde que as li pela primeira vez. De um modo muito claro e ao mesmo tempo criticamente suportado, o teólogo Ratzinger mostrou: que a morte de Cristo foi real, Ele desceu ao abismo da morte até às últimas consequências e, por isso, o artigo do símbolo dos Apóstolos *desceu aos infernos* é complemento necessário do outro artigo *e foi sepultado*, e aqui mostra-se o hiato, o intervalo, o abismo no qual Ele mergulha, entre a Sexta-Feira Santa e o domingo de Páscoa, sendo então que o artigo *ao terceiro dia* não tem apenas um sentido teológico, que já se encontra na literatura profética (cf. Os 6, 2), e que aqui assumiria o seu

<sup>10</sup> J. RATZINGER, *Escatologia* 21.

<sup>11</sup> Cf. J. RATZINGER, *Einführung in das Christentum* (München: Kösel 1985) 242-249. Trata-se de uma edição especial, que reproduz a primeira edição publicada em 1968.

pleno sentido histórico-salvífico, mas possui também um sentido temporal, pela distância que se dá entre a *morte* e a *ressurreição*, que é o artigo seguinte. Esta foi a primeira descoberta.

A segunda colhe-se do texto de S. Lucas no qual Jesus promete ao bom ladrão que *hoje estarás comigo no paraíso* (Lc 23, 43) – o que mostra que o *paraíso* só pode ser *Cristo mesmo, estar com Ele*, seja onde for que Ele se encontre, mesmo na morada dos mortos para onde vai descer. Ora no sábado santo o corpo de Cristo está no sepulcro. Este só é descoberto vazio ao terceiro dia. Então a descida de Cristo – ou seja, da sua *alma*, a descida do *Verbo* de Deus – ao *sheol* tem um sentido soteriológico. Ele vai ao lugar dos mortos, Ele que é o Senhor da Vida e da Morte, anunciar-lhes o *evangelho*, como se sugere em alguns textos da Escritura (cf. 1Pd 3, 19-20), sendo que o *evangelho* é Ele mesmo, a sua presença, que transforma o lugar dos mortos em lugar dos vivos, abrindo na sua morte as portas do paraíso.

De facto, era nesse lugar dos mortos que os justos do Antigo Testamento esperavam que viesse o Messias abrir-lhes as portas do paraíso que, desde o pecado do antigo Adão, estavam fechadas. Um texto de uma antiga homilia, lida no ofício das leituras do Sábado Santo, contempla esta cena, de Cristo que vai buscar Adão e restituir-lhe a vida que pelo seu pecado havia perdido:

“Um grande silêncio reina hoje sobre a terra; um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio, porque o Rei dorme; a terra estremeceu e ficou silenciosa, porque Deus adormeceu segundo a carne e despertou os que dormiam há séculos. Deus morreu segundo a carne e acordou a região dos mortos.

Vai à procura de Adão, nosso primeiro pai, a ovelha perdida. Quer visitar os que jazem nas trevas e nas sombras da morte. Vai libertar Adão do cativeiro da morte, Ele que é ao mesmo tempo seu Deus e seu Filho.

Entrou o Salvador onde eles estavam, levando em suas mãos a arma vitoriosa da cruz. Quando Adão, nosso primeiro pai, O viu, batendo no peito, cheio de admiração, exclamou para todos os demais: “O meu Senhor esteja com todos”. E Cristo respondeu a Adão: “E com o teu espírito”. E tomando-o pela mão, levantou-o dizendo: “Desperta, tu que dormes; levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará”.

“Eu sou o teu Deus que por ti me fiz teu filho, por ti e por estes que nasceram de ti; agora digo e com todo o meu poder ordeno àqueles que

estão na prisão: ‘Saí’; e aos que jazem nas trevas: ‘vinde para a luz’; e aos que dormem: ‘Desperta’...

“Adormeci na cruz, e a lança penetrou no meu Lado, por ti, que adormeceste no paraíso e formaste Eva do teu lado. O meu Lado curou a dor do teu lado. O meu sono despertou-te do sono da morte. A minha lança susteve a lança que estava dirigida contra ti.

“Levanta-te, vamos daqui. O inimigo expulsou-te da terra do paraíso; Eu, porém, já não te coloco no paraíso, mas no trono celeste. Foste afastado da árvore, símbolo da vida; mas Eu, que sou a vida, estou agora junto de ti. Ordenei aos querubins que te guardassem como servo; agora ordeno aos querubins que te adorem como a Deus, embora não sejas Deus.

“Está preparado o trono dos querubins, prontos os mensageiros, construído o tálamo, preparado o banquete, adornadas as moradas e os tabernáculos eternos, abertos os tesouros, preparado para ti desde toda a eternidade o reino dos céus”(Liturgia das Horas, Sábado Santo).

Neste sentido compreende-se a linguagem apocalíptica dos evangelhos, que nos dizem que no momento em que Jesus morre muitos túmulos se abrem (cf. Mt 27,52)... Ir buscar Adão e todos os justos do Antigo Testamento e de todas as nações, não é esse o cortejo triunfal de que falam textos do Novo Testamento (cf. Ef 1, 17-23), quando se referem à exaltação de Cristo na ressurreição e na ascensão?

Temos aqui, conclui J. Ratzinger, o fundamento cristológico da escatologia intermédia.

## 5. Consequências

A partir daqui outras verificações são extremamente importantes para a antropologia, que deverá ser vista à luz da cristologia. E então, sucessivamente, a *desplatonização* da escatologia e da antropologia mostra afinal que o tema da imortalidade da alma é património da própria Escritura, e que a noção antropológica da *alma* só residualmente é afim à noção platónica e de Aristóteles (com a sua noção de *entelécheia*); na verdade, o estudo atento e rigoroso do tema mostra que a noção antropológica da alma é “um pro-

duto da fé cristã e da sua reflexão; somente uma crassa ignorância da história é que o poderia negar”<sup>12</sup>.

A expressão tomista segundo a qual a alma é *a forma do corpo* explica a relação da *alma* com o *corpo*, sendo, na teologia cristã, tanto a *alma* como o *corpo* criação de Deus. O homem, na sua constituição metafísica, é uma *síntese divina*. A cisão ou tensão entre a *alma* e o *corpo* é a consequência do pecado, e a plena vitória sobre o pecado e sobre a morte dá-se em Cristo, na qual o cristão, pela graça, já participa. É este o alcance do *viver em Cristo*, no qual tanto insiste S. Paulo nas suas cartas, e que diz essencialmente o que é *ser cristão*. Testemunho disso é a vida dos santos, nos quais acontece a perfeita reconciliação de todas as dimensões do homem operada pela graça. Mas o que se dá na fé e na graça, já está plenamente antecipado em Cristo e na Assunção da Virgem Maria, e é à luz destes mistérios que se ilumina e se estrutura toda a antropologia.

A partir daqui – e fazendo conjugar os dados da Escritura, da teologia e da liturgia, – pode ver-se o sentido e a razão teológica daquilo que é expresso na proclamação da fé da Igreja, no credo apostólico e na dogmática, quer a respeito da escatologia intermédia quer a respeito da escatologia final.

Então, as teses avançadas por alguns – por exemplo G. Greshake<sup>13</sup>, sobre a ressurreição na morte, ou K. Rahner, sobre a teologia da morte, como o momento de plenitude de assunção da liberdade, num esforço especulativo de desvincular teologicamente a morte do pecado, numa perspectiva meta-soteriológica<sup>14</sup> –, têm como consequência, paradoxalmente, a negação do mistério da encarnação e das suas implicações antropológicas, ou seja, a desvalorização do corpo, mesmo como *resto mortal*, na medida em que – segundo estas teses – a glorificação final nada teria a ver com *este* corpo nem com *esta* vida, o que contradiz profundamente o sentir eclesial. Ora, no sentir cristão, o corpo, embora morrendo se transforme em *resto*, não é material descartável, mas na sua identidade, no seu ser, participa ou é chamado a participar na glorificação ou na perdição total. Os rituais das exéquias e a oração da Igreja pelos defuntos exprimem a seriedade desta antropologia, que não é facilmente subsumida em conceitos, o que significa que a fé da Igreja não é o mesmo que uma teoria, que, por mais elaborada

<sup>12</sup> J. RATZINGER, *Escatologia* 162.

<sup>13</sup> Cf. G. GRESHAKE – J. KREMER, *Resurrectio Mortuorum. Zum theologischen Verständnis der leiblichen Auferstehung* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft 1968).

<sup>14</sup> Cf. K. RAHNER, *Le chrétien et la mort* (Paris: Desclée de Brouwer 1966).

que o seja, e que, e talvez mesmo por isso, é sempre suspeita de ideologia.

Neste quadro, clarificam-se ainda outros temas, agora desplatonizados, tais como o tema do *juízo e do purgatório*.

Quanto ao *juízo*, J. Ratzinger não se debruça muito desenvolvidamente sobre ele, e trata, de uma só vez, o juízo pessoal, no momento da morte, e o juízo universal, no final da história, na segunda vinda de Cristo, na parusia<sup>15</sup>. Mas as breves referências são suficientes para mostrar como, na escatologia cristã, o desfecho final da história não está previamente determinado, não está garantido nem num sentido nem noutro (ou seja, em termos de sucesso ou de fracasso), mas que isso passa pela responsabilidade de cada um, de tal modo que a possibilidade de perdição e/ou de salvação deve ser seriamente considerada, e o homem pessoalmente e a história no seu todo serão confrontados inexoravelmente com o único Senhor, que é, Ele só, o Senhor da história, quem decide o que é bem ou o que é mal, e é Ele quem fará justiça (cf. Mt 25). E por isso, como ensina o catecismo, tanto na escatologia intermédia como na escatologia final, só há duas saídas possíveis: o inferno, como perdição ou o paraíso, como salvação final.

O outro tema é o *purgatório*<sup>16</sup>. Apesar de ser um tema tardio na dogmática, na medida em que de um modo explícito só foi tratado nos concílios que se ocuparam da união da Igreja católica com a Igreja ortodoxa, o segundo concílio de Lião, em 1274, e o Concílio de Ferrara-Florença, no acto de união para os gregos, de 6.7.1439. O concílio de Trento, em resposta às teses dos reformadores protestantes, que rejeitavam a escatologia intermédia, declarou solenemente:

“Iluminada pelo Espírito Santo, segundo as Sagradas Escrituras e a antiga tradição dos Padres, a Igreja católica ensinou nos sagrados concílios e por último nesta assembleia plenária: existe um *lugar de purificação (purgatorium)* e as almas aí colocadas encontram ajuda nas intercessões dos crentes, mas sobretudo no sacrifício do altar aceite por Deus”<sup>17</sup>.

J. Ratzinger recupera teologicamente este tema, no sentido de ver o purgatório também em relação com o tema místico da purificação passiva

<sup>15</sup> Cf. J. RATZINGER, *Escatologia* 214-224.

<sup>16</sup> Cf. J. RATZINGER, *Escatologia* 227-242.

<sup>17</sup> DS 1820.

do espírito, como a purificação do espírito pelo amor (porque só o amor, de facto, purifica), para que, como ensina, de resto, a Escritura – *o homem não pode contemplar-me e continuar a viver*, responde Deus a Moisés (Ex 33, 20) – seja possível a visão beatífica, a contemplação do rosto de Deus. Assim o purgatório é um *tempo* de transição para a visão beatífica, marcado por conseguinte pela esperança da visão no sofrimento prévio da purificação pelo amor!

## Conclusão

O contributo de J. Ratzinger para a Escatologia foi determinante quer do ponto de vista metodológico quer do ponto de vista dogmático e sistemático.

Do ponto de vista metodológico, pois procede a uma revisão crítica e aprofundada das fontes, o que o leva a corrigir o pressuposto ou preconceito de que partira. Afinal, o *sentir da Igreja* é que responde verdadeiramente à realidade e satisfaz com rigor as exigências da razão crítica. E é este sentir da Igreja que a teologia deve servir, como recorda a carta da Congregação para a Doutrina da fé sobre as questões escatológicas, exortando os teólogos a que participem das preocupações pastorais da Igreja para que doutrinas temerárias não sejam difundidas entre os fiéis<sup>18</sup>. De facto, a Igreja não é uma academia onde se discutem ideias ou teorias, mas uma comunidade que vive e celebra o mistério, e por isso a teologia tem como missão encontrar razões de esperar, no esforço do conceito em pensar o que se vive.

Do ponto de vista sistemático e dogmático, J. Ratzinger mostra que toda a temática da escatologia – quer seja a intermédia quer seja a final – encontra a sua referência fundamental e o seu suporte na cristologia. É a partir do mistério de Cristo que todos os temas alcançam o seu sentido e a sua coerência<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Cf. EV6, 1042.

<sup>19</sup> Entre nós, um desenvolvimento da escatologia estruturada a partir deste princípio sistemático encontra-se na obra da nossa colega: MARIA MANUELA CARVALHO, *A Consunção do homem e do mundo* (Lisboa: UCE 2002).

## 6. J. Ratzinger e a mensagem de Fátima

O cardeal J. Ratzinger também se ocupou da mensagem de Fátima<sup>20</sup>, cujo conteúdo escatológico é particularmente acentuado<sup>21</sup>, quer no que diz respeito à escatologia intermédia, quer no que diz respeito à escatologia final, quer no sentido de todos os temas relacionados com uma leitura do presente, de uma teologia da história que passa pela responsabilização pessoal, mesmo no sentido que Ratzinger atribui à escatologia, como vimos no início, ou seja, muito concretamente, como uma interpelação urgente à conversão e à penitência.

De facto, pensar nas coisas últimas e pensá-las seriamente, obriga o homem a pensar a sério na sua vida, pois do que aqui se faz e de como se faz depende o futuro não apenas histórico, mas também escatológico ou eterno. Ora é neste sentido que vai o *segredo* na mensagem de Fátima, em todas as suas partes, quer quando chama a atenção para o tema do inferno escatológico – as almas que se perdem; quer quando se refere ao purgatório – as almas que lá permanecem até ao fim dos tempos; quer quando se refere ao inferno da história, ou seja, as guerras, as perseguições e as violências de todo o tipo à Igreja e ao homem em todas as condições sociais.

E o então cardeal Ratzinger interpreta o *segredo*, na sua terceira parte, primeiro, no sentido de uma interpelação séria à mudança de vida – a penitência –, pois a história é demasiado séria, e a sério deve ser tomada, porque o bem e o mal são também da responsabilidade humana e disso cada homem dará contas no final da sua vida; mas, por outro, há uma promessa de que a história no seu todo, e mesmo a história de cada homem, não se encontram à mercê de forças cegas e fatais, mas repousam nas mãos de Deus, e por isso a razão da esperança encontra-se para o homem em acreditar e em saber em que arrisca a sua vida, não sendo por isso indiferente ou neutro o modo ou as razões das nossas escolhas e decisões. Quem decide em última instância o que é justo ou injusto, o que é bem e o que é mal não é o homem, mas Deus. O desafio consiste então em saber de que lado é que cada um se encontra: do lado de Adão ou dos habitantes de Babel pretendendo ser como Deus, ser senhor absoluto da vida, do bem e do mal; ou do

<sup>20</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A Mensagem de Fátima* (Lisboa: Paulinas 2000) 39-55.

<sup>21</sup> Este é o conteúdo essencial do *segredo* que a Irmã Lúcia expõe desenvolvidamente na *terceira* e na *quarta* Memória. Cf. Luís KONDOR (Compilação), *Memórias da Irmã Lúcia* (Fátima: Vice-Postulação 19906).

lado do novo Adão, Cristo, que se coloca numa atitude de obediência e de oblação, dando a vida por amor e em liberdade, não procurando fazer a própria vontade, mas a d' Aquele que O enviou: *Eu vim não para fazer a minha vontade, mas a d'Aquele que me enviou* (Jo 6, 39); ou até muito concretamente do lado dos Pastorinhos, que responderam *sim* ao convite do Anjo e de Nossa Senhora quando lhes perguntaram se queriam sacrificar-se pela conversão dos pecadores e se queriam *consolar* Deus:

“– Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

– Sim, queremos – foi a nossa resposta.

– Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto”<sup>22</sup>.

Como se vê, a mensagem da escatologia é muito séria, é mesmo um caso muito sério, como em certas circunstâncias que se revestem de alguma gravidade o nosso povo costuma dizer. O cardeal Ratzinger tomou-a muito a sério e ajudou-nos a compreendê-la. Agora veio a Fátima, não como cardeal, como esteve uma vez, em 1996, a presidir a uma peregrinação aniversária, mas como Papa, como Bento XVI. É minha convicção profunda que ele veio, porque acredita na autenticidade da mensagem escatológica que naquele lugar foi dada a conhecer à Igreja e ao mundo; uma séria advertência, um apelo derradeiro a que Portugal e o mundo tenham juízo, mudem de atitude nas circunstâncias históricas de então que, de muitos pontos de vista, não só não foram superadas, mas até se agravaram, agravaram-se sobretudo, porque me parece que o homem contemporâneo, com tanta poluição sonora, se tornou rijo de ouvido aos apelos que lhe chegam do Deus que fala no silêncio..., ou no grito daqueles que perderam a voz!...

Talvez esta seja a hora em que precisamos de ouvir os apelos, os sinais que nos chegam de todos os lados, mesmo da natureza, para que despertemos do sono, deste estado de hibernação em que a moleza da mentalidade contemporânea de certo modo nos mergulhou, e isto sobretudo em Portugal, na Igreja em Portugal, a partir mesmo dos seus mais destacados pastores.

<sup>22</sup> *Memórias* II, 65-66; cf. *Memórias* IV, 158.

Neste contexto, a visita de Bento XVI terá sido seguramente uma graça, e ele certamente não deixará, agora no seu ministério petrino de confirmar os seus irmãos na fé e na esperança, de recordar aquelas coisas que nunca passam, porque *novíssimas*, de cuja atenção depende seriamente em grande parte a qualidade e a intensidade do presente como graça e como tarefa.